

190

1521 |



IRINEU DALLA VALLE/DC/Seara

LIBERDADE: Reféns do Inca e Funai são pintados pelos índios antes de serem soltos. Solução para o problema da terra é adiada /32 e 33

GERAL ▼ TOLDO DO PINHAL

Funcionários do Inera e Funai são libertados



TELEFOTO IRINEU DALLA VALLE/DC/Serara

ACERTO: Depois de cinco dias de cativoiro, assinado acordo para cumprimento das exigências dos kaingangues

Paulo Édson Paim
SEARA

Acabou ontem, às 14h30min, a prisão dos quatro reféns do Toldo do Pinhal em Seara. Funai e Inera tiveram de aceitar diversas imposições dos kaingangues para que Ademar Simon e Euclides Basso, do Inera, e Ademir Migliavaca e João Batista Oselane, da Funai, fossem libertados. Os dois órgãos se comprometeram a pagar as benfeitorias dos colonos em oito dias, comprar terras para o reassentamento em 17 dias e "limpar a área", retirando os colonos em 30 dias, a contar de ontem. Com o acordo, termina o cativoiro dos quatro servidores públicos. Basso e Migliavaca ficaram como reféns por cinco dias, um a mais do que Simon e Oselane.

Mas o final do tenso caso do Toldo do Pinhal não garante soluções definitivas. Ao contrário, anuncia novas batalhas. A área de 894 hectares é ocupada há mais de 50 anos por 53 famílias de agricultores - 38 proprietários e 15 arrendatários. Uma reunião entre a maioria dos colonos, ontem pela manhã, em Linha Gramado, decidiu que uma maciça fatia dos

atingidos pela lei do governo, que devolve a terra aos índios, não vai aceitar ser reassentada, exigindo o pagamento em dinheiro das benfeitorias e terras. Pelo acordo entre índios, Funai e Inera para a liberação dos quatro reféns, os colonos receberiam em dinheiro pela estrutura da propriedade e teriam uma nova terra pelo sistema de reassentamento do Inera.

"Os colonos entenderam que precisam se organizar e só saem recebendo tudo em dinheiro", diz Valdir Giarreta, líder de uma das alas de agricultores, e acusado pelos kaingangues de ameaçar a tribo e dificultar um acerto entre as partes. Amanhã, alguns pequenos agricultores estarão na sede da Funai, em Chapicó, para negociar as benfeitorias, receber o dinheiro e sair imediatamente da área. "Ninguém vai nessa reunião, a não ser acompanhado pela nossa comissão", afirma Giarreta. "A notificação da Funai para os agricultores comparecerem ficou invalidada", resume.

Muitos capítulos ainda devem acontecer na conturbada novela em que aparecem agricultores e índios como 'mocinhos,' e como 'vilão' o

governo que decretou a área do Toldo como propriedade dos kaingangues, sem indenizar os colonos no tempo necessário. Inoperante, o poder público pôs as partes em conflito, podendo ser o responsável por um quase derramamento de sangue.

CUMPRIMENTO - Em liberdade, Simon disse que os acordos feitos com os índios são difíceis de ser cumpridos em virtude do curto espaço de tempo, conforme a exigência dos kaingangues. Os quatro reféns assinaram o documento para a resolução do problema em 30 dias e outro termo garantindo que "foram bem tratados" durante o tempo em que foram mantidos no cativoiro.

Um terceiro papel foi assinado pelos caciques e líderes indígenas e entregue à Funai e ao Inera. Este anuncia que se as promessas não forem cumpridas pelos dois órgãos, os índios vão desencadear "outras ações" para resolver à força a desocupação do Toldo. Livres, os quatro servidores abraçaram o cacique João Gonçalves Myn, agradeceram pelo tratamento e pediram "desculpas" por alguns problemas ocorridos durante os dias de cativoiro.

PM acusada de favorecimento

SEARA

A Polícia Militar de Concórdia vinha sendo acusada pelos índios kaingangues, de Seara, de estar passando munição a alguns agricultores de Toldo do Pinhal, área disputada por bancos e índios e onde ficaram presos cinco dias os quatro reféns, servidores de Inera e Funai. A acusação não foi confirmada pela corporação. A indignação dos nativos aumentou nos últimos dias com a informação de que a PM estaria usando a caminhonete de um agricultor para perseguir e barrar índios. A polícia nega. "Isso é história dos índios", disse o comandante da PM de Concórdia, Reinaldo Boldori.

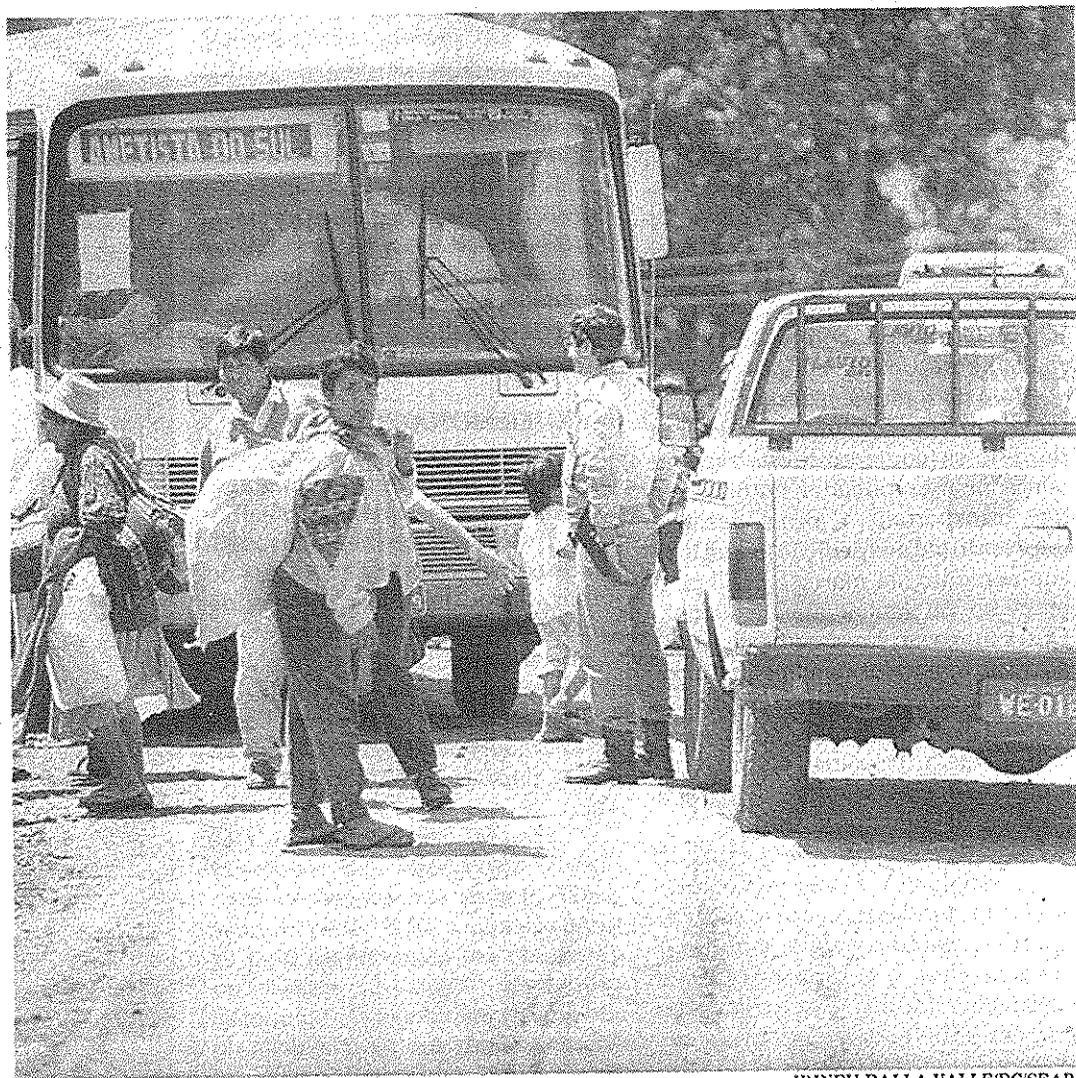
Na quarta-feira, dia em que começou a ação dos kaingangues, um policial do pelotão que fazia barreira na entrada do Toldo do Pinhal foi visto pegando uma caminhonete D-20, cor branca, no Posto Chapadão, em Seara. Ele parou na barreira, pegou mais dois policiais e, em alta velocidade, ultrapassou um ônibus que levava índios de Irai (RS) ao toldo. Quando o ônibus chegou na segunda entrada para o acampamento - na primeira o grupo nem parou ao ver a polícia -, a caminhonete tranca-va a estrada. Os três policiais estavam dentro. O ônibus foi retido e os índios fizeram a pé os 10 quilômetros que os separavam do toldo.

A pick-up é do líder dos agriculto-

res, Valdir Giaretta, diz Boldori. "Nós barramos a pick-up para averiguar se estavam levando armas", justificou. Ele afirma que o carro estava saindo do toldo e não foi usado por policiais. Boldori explica que logo após a averiguação, a caminhonete foi liberada. Os índios ficaram indignados com o fato. Na tarde de sábado, o secretário da Justiça e Cidadania do Estado, Samuel Nercolini, foi até o toldo, mas não desceu ao acampamento, temendo também ser tomado com refém. Ficou a um quilômetro do local.

Uma hora depois recebeu uma carta, escrita a mão, e assinada por caciques e líderes indígenas dos três estados do Sul, que estão concentrados no Toldo do Pinhal para resolver o impasse fundiário. No documento, os kaingangues denunciavam uma possível "parceria" entre a PM e alguns dos maiores agricultores da área em litígio. Enviaram junto uma foto em que os três policiais de Concórdia estão usando a pick-up de Giaretta para barrar o ônibus dos índios de Irai.

O comandante de Boldori estava junto com Nercolini e repetiu que o carro não foi usado pela PM, mas apenas interceptado. Entretanto, ninguém na PM explica o fato de, no momento da apreensão do ônibus, só haver índios e policiais no local. "Não tinha nenhum agricultor lá", garantem os índios. A caminhonete estava com a polícia, afirmam.



IRINEU DALLA VALLE/DC/SEARA

INTERVENÇÃO: Comandante nega uso de caminhonete de agricultor para perseguir índios